LINHAS DE (RE)PRODUÇÃO: um estudo sobre os processos de subjetivação envolvidos nas juventudes territorializadas como Geração Y.

( RE ) PRODUCTION LINES: a study of subjective processes involved in territorialized youths as Generation Y.

LÍNEAS (RE) PRODUCCIÓN: un estudio de los procesos de subjetivación implicados en las juventudes territorializadas como Generación Y

 Resumo

Esta pesquisa investiga os processos de subjetivação da geração territorializada como Y, para investigar quais agenciamentos compõem e influenciam a produção de subjetivação desses jovens, enfatizando suas singularidades e sua relação com o mundo do trabalho. Foi utilizada, como aporte teórico, a Esquizoanálise, de Deleuze e Guattari, e, como metodologia, a cartografia. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: entrevistas semiestruturadas, diário de bordo e a implicação da pesquisadora. Nossa trajetória envolveu uma análise do pesquisador com o seu campo no intuito de acessar as tensões existentes, dentre elas as relações de forças entre as especialidades “Psicologia Organizacional e Psicologia do Trabalho”. Fizemos um exame dos principais pontos de agenciamentos que capturamos: os tecnológicos, de conhecimento e com a internet bem como suas conexões rizomáticas com os jovens pesquisados e seus efeitos nos processos de sua subjetivação. Concluímos que este é um processo complexo que ora pende para a reprodução ora para a invenção.

Palavras chave: Geração Y; Trabalho; Processos de subjetivação; Tecnologia e Internet.

Abstract

This research investigates the subjectivity processes of generation territorialized as Y,

to investigate what intercession make and influence the subjectivity production of these young people, emphasizing their singularities and relationship with the world of work and the management. It was used as theoretical support the Schizoanalysis of Deleuze and Guattari, and as methodology the cartography. The methodological procedures used were: semi-structured interviews, the logbook and researcher`s implication. Our trajectory has involved analyzing the implication Researcher with his field; the existing tensions in specialty "Organizational Psychology and Labor". Was made an examination of the major intercession points that captured: the technology, knowledge and with the internet and its rhizomatic connections with young people researched and its effects on subjective processes of them.

We conclude that this is a complex process which now tilts reproduction now to the invention.

Key Words: Y Generation; Labor/work; Subjectivation processes; Technology and Internet.

RESUMEN

Este estudio investiga los procesos de subjetivación de la generación territorializada como Y, para investigar cuales agenciamientos componen e influyen en la producción de la subjetivación de estos jóvenes, enfatizando sus singularidades y su relación con el mundo del trabajo. Fue utilizado como marco teórico, la Esquizoanalisis, de Deleuze y Guattari, y como metodología, la cartografía. Los procedimientos metodológicos utilizados fueron: entrevistas semiestructuradas, diario de registro y la implicación de la investigadora. Nuestra trayectoria envolvió un análisis del investigador en su campo con el fin de acceder a las tensiones existentes, entre ellas las relaciones de fuerzas entre las especialidades "Psicología Organizacional y Psicología del Trabajo." Hicimos un estudio de los principales puntos de agenciamiento que capturamos: los tecnológicos,de conocimiento y con Internet así como sus conexiones rizomáticas con los jóvenes encuestados y sus efectos sobre los procesos de su subjetivación. Legamos a la conclusión de que este es un proceso complejo que en algunos momentos se inclina hacia la reproducción y en otros hacia la invención.

Palabras clave: Generación Y; Trabajo; Procesos de subjetivación; Tecnología e Internet.

 **Sobre nosso objeto de estudo e como nos propusemos a conhecê-lo**

 Vivemos em um mundo de muitas mudanças. Nas organizações e na sociedade em geral tem se falado cada vez mais sobre a “Geração Y”. Oliveira (2011, p. 10), afirma que essa geração “[...] começa a dominar a paisagem em escritórios de empresas de todos os portes, perfis e setores [...]”, e, por isso, “[...] é natural que as organizações comecem a rever sua maneira de pensar e principalmente seus mecanismos de relacionamento.”. Nesse cenário, essa pesquisa tem o intuito de investigar os processos de subjetivação dos jovens terrritorializados como Geração y, buscando rastrear quais agenciamentos compõem e influenciam a produção de subjetivação da mesma e enfatizar suas singularidades e sua relação com o mundo do trabalho.

 A cartografia foi escolhida como método cartográfico porque seus princípios rizomaticos contribuem para a captura dos processos de subjetivação desse grupo de jovens que se fazem em conexões de redes tecnológicas, como a Internet. Assim, essa rede ou essas redes formadas pela internet remetem ao conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (1995a) que “[...] é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantes” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. 22)

Em uma cartografia entende-se que o mapeamento dos processos e dos movimentos da realidade que o pesquisador deve acompanhar não são uma realidade dada, mas sim produzida por quem pretende conhecê-la. Dessa forma trata-se de metodologia na qual os dados são produzidos e não colhidos e essa produção se dá no rico encontro do pesquisador com seu campo de pesquisa. Em nossa produção de dados, foram realizadas entrevistas, utilizadas falas e situações do cotidiano, além da própria imersão da pesquisadora no campo. Conforme esse método o pesquisador mergulha no mundo pesquisado e intervém na realidade, esse mergulho no plano de experiência torna o fazer e o conhecer inseparáveis, impedindo qualquer pretensão de neutralidade. Para Romagnoli (2009):

Cartografar é mergulharmos nos afetos que permeiam os contextos e as relações que pretendemos conhecer, permitindo ao pesquisador também se inserir na pesquisa e comprometer-se com o objeto pesquisado, para fazer um traçado singular do que se propõe estudar. (p. 171).

O foco do pesquisador implica que ele esteja atento para perceber um mundo que já existia como virtualidade e que em sua observação ganha existência ao se atualizar. A sua atenção tem o papel de manter certo “rigor”, mas sem tornar um método rígido. Passos, Kastrup e Escóssia (2009) esclarecem, portanto, que “o cultivo da atenção pelo aprendiz de cartógrafo é a busca reiterada de um tônus atencional, que evita dois extremos: o relaxamento passivo e a rigidez controlada.” (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009, p. 48).

 Na atualização do campo buscamos capturar as formas e forças que compõe o campo maior da pesquisa: uma siderúrgica multinacional, que pela Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), em sua faceta instituída, se enquadra no grau de risco nível 4, em uma escala de 1 a 4, ou seja, o mais alto. Uma empresa enquadrada nesse nível de risco adotará uma série de procedimentos de segurança do trabalho, com alto nível de rigidez e controle, para atenuar os riscos inerentes à atividade econômica. Por isso, nas áreas produtivas, são desenvolvidos procedimentos sistemáticos para as atividades laborais, principalmente as relacionadas à produção diretamente. No âmbito da produção, temos riscos de acidentes que, pela natureza, podem ser até fatais.

 Além das normas regulamentadoras do trabalho que regem os procedimentos de segurança, a área de qualidade, no intuito de garantir o rígido controle de qualidade dos produtos determina para organização do trabalho outros procedimentos em conformidade com as normas de qualidade. Essas normas regulamentadoras partem da premissa de que a qualidade interfere na segurança, e que um erro ou um desvio de qualidade no produto podem causar acidentes catastróficos para o ser humano e a natureza.

 Portanto, para além das questões tayloristas de produção[[1]](#footnote-1), devido a necessidades legais e da própria condição para seu negócio, nesta empresa existem linhas extremamente duras, tão duras quanto o próprio aço que a mesma produz. No entanto, imprescindíveis para garantir a manutenção da segurança e da vida. Mas, por outro lado, essa condição de trabalho reflete, consequentemente, em outros aspectos da subjetividade do trabalhador de qualquer nível ali presente, de forma que essas linhas duras aprisionam a vida, controlam-na, mas também garantem-na, uma vez que tentam preservá-la.

Sobre os entrevistados tivemos 03 indivíduos territorializados como Geração Y, 02 Gestores e 02 que eram Ys e Gestores. Com relação aos entrevistados, os critérios para inclusão na pesquisa foram: indivíduos que por cronologia foram denominados como Geração Y, ou seja, que tenham nascido entre o início da década de 80 e final da década de 90, ou, no segundo caso, que fossem gestores do primeiro grupo. Contudo, problematizaremos a definição de “geração” e assim o próprio recorte o qual utilizamos para escolher os participantes desta pesquisa. Sendo essa problematização produto da pesquisa atualizado em sua execução e não conhecidos por antemão.

Apresentaremos nosso marco teórico e os resultados produzidos e tecidos nas conexões entre saberes acadêmicos, experiências, pesquisador e pesquisados, e que nos permitiram conhecer, em parte e provisoriamente, nosso objeto de estudo.

 **Linhas de Produção Subjetiva**

 Produzir, produzir, produzir, exatamente esse é o sentido. O que se pretende evocar são linhas e processos de produção subjetiva, inventivos ou serializados, conceitos familiares em um ambiente fabril, mas não exclusivos. Para Guattari (1992) a subjetividade emerge de diversas formas de expressão: as artes visuais, a Música, o Cinema, a Religião, Ciência, dentre outros dispositivos de produção subjetiva heterogêneos. Assim, não é apreendida em um único modelo psicológico que a universaliza, mas deve ser entendida na complexidade e multiplicidade do conjunto de dispositivos que influenciam e a torna única.

 Portando, pensar a subjetividade de tal forma amplia a noção de subjetividade tradicional, pois a considera em um sentido abrangente, plural, polifônica, produzida e influenciada por vários *agenciamentos* *coletivos* que podem tornar possíveis processos de subjetivação e singularização. Podemos considerar que cada indivíduo e grupo social têm seu próprio sistema de *subjetividade*, o que Guattari (1992) define como cartografia feita de demarcações cognitivas, míticas, rituais e sintomatológicas, a partir da qual o indivíduo se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões. Já a *subjetivação* (singularização/heceidade) está relacionada com o indivíduo, em seu devir constante, singular, único, mas totalmente atravessado pela multiplicidade de acontecimentos da coletividade.

 Nessa direção, tentamos evitar uma leitura reducionista desses processos, que indicam somente a interioridade, buscando a rede de relações que são tecidas pelos jovens que compõem o grupo estudado. De acordo com Guattari (1992), há um reducionismo da questão da subjetividade tradicional pela padronização desta por meio de leitura estritamente da linguagem, o que para ele exclui as composições enunciativas semióticas, os processos nos quais as subjetividades se autoengendram e se produzem. A subjetividade para Deleuze e Guattari (1995a) é rizomática, termo que tomou emprestado da botânica. O rizoma é multiplicidade que comporta diversidades, vários “e”, ele está fora da lógica linear arborescente de uma raiz se conectando e se esparramando por todas as direções como uma grama, ele “não começa nem conclui, ele se encontra entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. 37). É espaço intensivo de transformação. O rizoma é feito de linhas, e, para Deleuze e Parnet (1998), as coisas e as pessoas também; essas linhas podem ser: de segmentaridade, flexíveis ou de fuga.

 As linhas de segmentaridade são as linhas duras que nos dizem o que somos, são como as linhas das normas de segurança e de qualidade do nosso campo que podem refletir na própria subjetividade de seus trabalhadores tornando-as também duras. São os nossos segmentos e territórios. Segundo Cassiano e Furlan (2013) “As linhas duras são as linhas de controle, normatização e enquadramento, e através de seus atravessamentos se busca manter a ordem e evitar o que é considerado inadequado a determinado contexto social instituído.” (p.373). Elas são linhas molares de ordem e estabilidade, essas lilnhas, dão ao indivíduo certa “identidade” e certo formato, “eu sou isso ou aquilo”, “sou homem”, “sou mulher”, sua profissão, seu nome, tudo aquilo que se estratificou, territorializou. De certa forma, como vimos nas questões de segurança, pertinentes à preservação da vida, a segmentaridade também é importante nesse contexto. Contudo, para a Esquizoanálise, importa que o que territorializou pode ser desterritorializado e reterritorializado, e ainda que essas linhas nos atravessam em todos os sentidos, mas não precisam nos aprisionar.

As linhas flexíveis são linhas migrantes. Elas não buscam territorializar o tempo todo, elas possuem certa flexibilidade que a faz diferente tanto das linhas de segmentaridade quanto das linhas de fuga. As linhas flexíveis traçam pequenas modificações, pequenos desvios, neste caso, as desterritorizalizações são apenas relativas. Essa pesquisa utilizou destas linhas para visitar territórios ora da psicologia organizacional, ora da psicologia do trabalho.

A rigor, temos como especialidade para o Conselho Federal de Psicologia, a “Psicologia Organizacional e do Trabalho”, conforme 3º artigo da Resolução CFP nº 014/00 de 20 de dezembro de 2000. Esse ramo esteve presente desde o surgimento da psicologia como ciência, primeiramente nomeado como “Psicologia industrial”, quando era mais voltado para as técnicas de recrutamento e seleção nos contextos organizacionais. Atualmente, apesar do termo aberto, “Psicologia Organizacional e do Trabalho”, (Zanelli citado por Achacr 1994) aponta que ainda há duas tendências de denominação:

A primeira mais extensiva tem abarcado as contribuições da Psicologia, Sociologia, Antropologia, Ciências Políticas e outras, sob o rótulo amplo de estudos organizacionais. A segunda, incipiente no Brasil, ressignifica e remete-se para a Saúde Mental no trabalho. (Achacr, 1994, p. 104).

 Na prática organizacional e acadêmica, é perceptível essa diferença entre os “psicólogos organizacionais” e os “psicólogos do trabalho”, existindo, inclusive, certa tensão entre os dois grupos. A disputa surge das diferenças teórico-metodológicas quanto à noção de homem, ética e pressupostos ideológicos e culminam em fazeres e práticas distintas. De acordo com Leão (2012). No entanto, suas distintas ênfases constituem um campo de lutas e tensões entre discursos descontínuos e muitas vezes, opostos e controversos. (p.293).

 Os “psicólogos organizacionais” são aqueles que habitam o universo das organizações, atuando em subsistemas de RH: Recrutamento & Seleção, Treinamento & Desenvolvimento, Cargos & Salários, entre outros. Já a psicologia do trabalho, segundo Leão (2012, p. 300) é voltada para assuntos como relações de gênero, trabalho informal, trocas econômicas à margem de grandes cadeias produtivas, trabalho de crianças, impactos psicossociais do desemprego, repercussões dos modelos produtivo na subjetividade dos trabalhadores, saúde e trabalho, etc., e é representada por autores de renome na psicologia como Eugene Enriquez, Christophe Dejours e Yves Clot.

 Os contornos dados pela implicação do pesquisador no processo desta pesquisa passaram, portanto, pela reflexão sobre o papel do profissional de RH, com base na especialidade da “Psicologia Organizacional e do Trabalho”. Esses traçados contornaram todo processo de pesquisa e toda escrita do trabalho, pois não haveria como não escapar por linhas flexíveis que ora atravessam terrítorios da “psicologia organizacional”, ora atravessam territórios da “psicologia do trabaho”, promovendo um processo de desterritorialização de cada um desses campos de atuação. Contudo, tentamos transpor os territórios e abrir os mesmos para linhas flexíveis e de fugar escaparem, mesmo que de forma ainda inicial e breve, para os processos de desterritorialização engendrados nessa articulação. Para tal espera-se hoje um profissional que trabalhe as quebras de paradigmas, fomentando processos de desterritorialização, para permitir, nos ambientes de trabalho, a coexistência das singularidades e assim contribuiram com ambientes favoráveis à existência das desejadas equipes de alta performance, aquelas que encontramos competências diversificadas e que se complementam no coletivo da esquizoanálise.

Por fim, dando sequencia a apresentação das linhas, temos as linhas de fuga que são aquelas que não cessam de fugir, escapam aos territórios, são linhas completamente moleculares. Elas atravessam o agenciamento e o arrastam. Operam pelo processo constante de desterritorializando. São pura criatividade, invenção de si, devir, e nos levam para uma direção desconhecida, não previsível e não existente, são linhas completamente nômades. Essas linhas buscam o tempo todo as pontas de desterritorizalização nos agenciamentos. Para Guattari e Rolnik (2000), os agenciamentos são uma:

Noção mais ampla do que as de estruturas, sistemas, forma, etc. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária. Na teoria esquizoanalítica do inconsciente, o agenciamento é concebido para substituir o “complexo” freudiano. (Guattari; Rolnik, 2000, p. 317).

 Nas palavras de Escossia e Kastrup (2005), agenciar é estar no meio, e se agencia com pessoas, bichos, máquinas e coisas, com o de fora, mas em contato com o que está dentro. As autoras explicam que não se trata de imitar. Surge, assim, nesse, e em cada agenciamento, algo novo, sempre efeito do coletivo é dupla articulação. O agenciamento de enunciação é potência, multiplicidade, devir. Os devires, para Deleuze e Parnet (1998), “[...] são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 10); não são imitações e não se tratam de ajustes a qualquer modelo.

**Sobre as juventudes**

A nomenclatura Geração Y, que, no nosso entender é uma forma de tentar endurecer as subjetividades desses jovens os enquadrando em um rótulo mediático é criticada por Bonifacio e outros autores pela tentativa de rotulação que carregam e por não considerar outros fatores além do cronológico que podem influenciar determinados grupos:

Rotular as pessoas apenas pela geração a que pertencem parece uma avaliação simplicista. Como exposto por Mannheim (1993), além da geração, existem outros fatores influenciadores, como, por exemplo, classe social e história de vida. Todavia, vale ressaltar as características predominantes e os eventos que marcaram cada geração. (Bonifacio, 2013, p. 28).

Dayrell (2003) prefere trabalhar com conceito de “Juventudes”, no lugar do conceito de gerações, no plural mesmo, na tentativa de não generalizar os jovens apenas como uma juventude única, pois para ele é uma realidade diversificada, baseada “[...] nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos.” (Dayrell, 2003, p. 24). Tais aspectos, efeitos de diversidade, são considerados enquanto pontos de agenciamentos que se dão em combinações diversas, pois para Deleuze e Guattari (1997a, p. 50) “as relações, as determinações espaço-temporais não são predicados da coisa, mas dimensões de multiplicidade.”, e, por isso, podem resultar em subjetividades rizomáticas e singulares. Compreender que múltiplos e diversos atravessamentos produzem *n* variáveis reforça a ideia de subjetividade rizomática. Nessa direção, o Ser para Deleuze e Guattari é o Devir constante de nossos atravessamentos, ora represado em normalizações e classificação, ora fluindo em direção à produção de novas realidades como salientam Parpinelli e Souza (2005).

As críticas feitas ao termo Geração Y e à própria noção de geração são relevantes para lembrar que não pretendemos reforçar os estereótipos. No entanto, o termo usado na mídia e recorrente nos ambientes de trabalho foi o que inicialmente chamou atenção para a realização desta pesquisa, conforme visto anteriormente sendo ele dispositivo de interesse comum às pessoas inseridas em contextos organizacionais, como os profissionais de RH, os gestores ou mesmo os empregados. Para um de nossos entrevistados a única diferença dessa geração para as demais é a informação, e ainda complementa que os pontos de agenciamento relacionados à informação também podem afetar a subjetividade de pessoas de outras idades que estão abertas a isso. Essa é uma grande quebra de paradigma, pensar que não é característica de uma geração e que o que produz essa subjetividade está acessível a todos é uma linha de fuga, um processo de desterritorialização dessa lógica de geração.

 A nomeação e classificação com rótulos e estereótipos referem-se ao funcionamento que tenta ordenar os fluxos da vida, que são em si heterogêneos. Nesse sentido, o termo Geração Y é repleto de linhas duras, que são as características atribuídas de forma territorializante pelas produções das *mass media[[2]](#footnote-2)*, que até aqui usamos com a finalidade de recorte cronológico geracional, e não no sentido estratificado. Nessa perspectiva ao ler as descrições, buscamos refletir onde nos deparamos com estratos duros, territorializantes da subjetividade e onde podemos encontrar pontos de agenciamento que levem a produções subjetivas enriquecidas e imanentes.

 Para Oliveira (2011), a Geração Y é formada por jovens nascidos entre 1983 e 1994, porém esse período não é um consenso entre estudiosos do assunto. Essa geração territorializada como Geração Y também é conhecida por: “[...] Geração Milênio, GenNext, Geração Google, Echo Boom e até Geração *Tech* [...]” (LANCASTER; STILLMAN, 2011, p. 19). Além da Geração Y, são mencionadas, em estudos, as seguintes gerações: Tradicionalistas, *Baby Boomers*, Geração X, Geração Y e, atualmente, a Geração Z[[3]](#footnote-3).

 Seguindo nessa linha de rastrear os territórios, Bonifacio (2013) cita outras referências e menciona mais algumas características atribuídas a estes jovens: “Para Lipkin e Perrymore (2010), esses jovens são vistos como individualistas e arrogantes pelas gerações anteriores, contudo, possuem uma consciência social e valores fortes.” (Bonifacio, 2013, p.35). Lancaster e Stillman (2011) utilizam, para descrever a Geração Y, a denominação “Fator M”, o que seria para os autores sete tendências principais que os formaram e os acompanham no trabalho: educação no lar, direitos garantidos, significado, grandes expectativas, necessidade de dinamismo, Rede Social e Colaboração.

 Muitos adjetivos são dados para os jovens territorializados como “Geração Y”, dentre eles:

[...] ágeis, ousados, criativos, dinâmicos, antenados, inquietos, pró-ativos, impacientes e com visão holística de todos os acontecimentos e processos. São capazes de realizar inúmeras tarefas ao mesmo tempo. Cresceram jogando videogame, ouvindo música e acessando a internet. (Silva, 2012, p. 15).

Os adjetivos são muitas vezes rótulos, linhas duras que podem aprisionar a subjetividade em modelos que visam produzir subjetividades serializadas. Diante do material bibliográfico pesquisado, nota-se que os estudos sobre o tema centram-se neste aspecto de categorização que, para nossa teoria, são linhas duras, rígidas, que mantém padrões. As generalizações fazem parte do paradigma da ciência moderna, do empirismo que busca reproduzir um mesmo fenômeno em laboratório.

Em diversos aspectos do nosso cotidiano podemos capturar a singularidade, embora ainda seja mais enfatizado nas ciências os aspectos de generalização. Podemos pensar nas diferenciações por nosso DNA, nossas íris ou pela digital dos nossos dedos. Esses são exemplos mais tangíveis das diferenças que possuímos, algo que nos tornam singular diante de inúmeros humanos. Portanto, com a subjetividade não seria diferente, apesar das tentativas constantes de generalizações, as mesmas não conseguem, de fato, apreender a subjetividade dos indivíduos, por se tratar cada uma de rizomas únicos e singular.

Mesmo que grande parte das categorizações apresentadas sejam repletas de territórios e linhas estratificadas com a intenção de produzir uma subjetividade massificada e generalista para a tal Geração Y, vemos uma tentativa de controle aliada a uma gestão pobre e precária que desvitaliza as potências subjetivas de trabalho dos jovens estudados. Entretanto, em alguns fatores, como na necessidade de dinamismo com o seu fluxo de informações, pelo aspecto diverso que essas podem conter, assim como as redes sociais e a internet, podemos encontrar, como veremos nas entrevistas, pontos de subjetivação. Sobre a identificação destes jovens como nativos da internet. De fato aparece como um diferencial histórico em relação à geração anterior, contudo, como já falamos não é nada mais do que um marco histórico, atualmente qualquer subjetividade também pode se agenciar com a internet independentemente de cronologias. Mas seguimos nossa investigação desse aspecto encontrado na literatura e reforçado pelas falas das entrevistas pode ser um ponto de agenciamento (ou não).

Diante de todas as considerações que fizemos escolhemos por renunciar a utilização territorializante do termo como expressão de nossa crítica à tentativa de igualar os jovens por determinada faixa cronológica. As linhas de fuga, os fluxos transversais da esquizoanalise vão de encontro a ideia de juventudes de Dayrell (2003). Para ambos os jovens são vários, múltiplos e singulares, cada um traçando ora um percurso próprio na relação com sua época e com sua idade, ora se fechando em formas clonificadas e reprodutivas.

 Johansen (2013) criou um esquema que mostra a trajetória de uma suposta Y chamada Ana para tentar explicar um pouco da trajetória destes jovens. Nesse esquema a jovem Ana é tida como produzida por seus pais, no sentido dos investimentos que esses fizeram em sua subjetividade para que ela fosse uma profissional diferenciada e de sucesso, visto que seus pais lhe proporcionaram uma educação diferenciada. Nesse caso, porém, o diferenciado ficou em relação à geração anterior, porque não somente Ana, mas muitos outros Ys também foram produzidos para o mesmo objetivo de ter sucesso profissional. A produção de subjetividade se deu em proporção de coletividade.

 Essa expectativa é percebida pelas gerações anteriores como certa arrogância e, portanto, somado ao conhecimento que os Ys têm baseado em suas formações e na internet, gera incômodo nas gerações anteriores pelo fato de os Ys não “respeitarem o conhecimento” que os mais velhos possuem. Certamente, conhecimento e experiência são coisas distintas, mas tratando primeiro da questão do conhecimento, sabe-se que a internet tornou disponível um conhecimento que antes poderia ser controlado por pessoas ou instituições, assim, ela tornou coletivo esse conhecimento e, por conseguinte, muito mais potente para a dimensão subjetiva. O aprendizado é potencializado utilizando os recursos oferecidos pela internet: *Google,* *Youtube*, entre outros, e estavam disponíveis para os jovens territorializados com Ys desde a infância. Um de nossos entrevistados também destacou isso em sua fala “[...] levando em consideração toda a minha dinâmica da infância, de, gostar de vídeo game, gostar de tecnologia, essas coisa [...] Internet, internet, outras pessoas”[[4]](#footnote-4).

 Assim a internet emerge como potência que surgem possibilidades de agenciamento de enunciação para produção de subjetivação como rede, rizoma. Suas conexões que parecem infinitas atravessam a subjetividade, arrastam os estratos, segmentos, pelas forças das linhas de fuga. Esses pontos de agenciamentos produzem subjetivação para os jovens territorializados como Geração Y quando se encontram com o novo, e estão livres para agenciar com qualquer coisa. Com isso, não significa que o contato com outras pessoas seja anulado, mas ele muitas vezes é mediado também pela internet, pelas redes sociais e não tem limite espacial, uma vez que é possível se conectar a qualquer pessoa no mundo todo pela internet. Essas conexões são consideradas por Levy citado por Azevedo et al (2015) como relações desterritorializantes que contribuem com trocas de conhecimentos e competências:

Levy (2003) aponta que as relações desterritorializantes via internet possibilitam trocas de conhecimentos e competências, alimentando uma sociabilidade de saber, constituindo o que ele conceitua de “inteligência coletiva” – fundamentada por um dimensão ético-política de reconhecimento do outro em sua inteligência, de valorização do outro como alguém que posso aprender. ( p. 208).

 Dada a redução do número de filhos das famílias brasileiras conforme tendência mundial, com a entrada da mulher maciçamente no mundo do trabalho, os filhos, muitas vezes filhos únicos, ou no máximo dois filhos, ficaram em casa cercados por suas companhias eletrônicas – a TV, os vídeos games e agora os *tablets* e celulares, que eles ganham cada vez mais cedo. As babás ou qualquer pessoa que tenha ficado ali no papel de cuidadores dessas crianças têm deixado que elas fiquem cada vez mais expostas às modernidades tecnológicas; os pais, por sua vez, quando chegam em casa, e não têm mais esse cuidador, ainda deixam seus filhos por mais um tempo expostos a suas companhias eletrônicas para poder tomar banho, preparar o jantar, ganhar um tempo para fazer algumas coisas. E isso só fomenta os novos modos de existência tecnológica.

 O computador, a internet, o *tablet* podem provocar deslocamentos subjetivos de invenção do eu, indivíduos conectados 24 horas a seu dispositivos tecnológico amplificam suas capacidade de pensar e conhecer (ou não). Podem endurecer cada vez mais essas subjetividades, distanciando-as da expansão da vida, clonificando-as em formas de ser pasteurizadas. Carr (2010) menciona em uma fala de seu livro *“The Shallows – what the Internet is doing to our brains”* - traduzido no Brasil como “*A geração superficial: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros”* - que alguém ou algo [a internet] tem provocado mudanças no seu cérebro, nas conexões neuronais, mudanças que são provocadas pelo contato com a internet. O autor explica que devido aos vários estímulos que são encontrados nas telas do computador quando navegamos pela internet, estímulos que servem para capturar nossa atenção e nos fazer clicar em outras páginas, fazem então, nossa atenção flutuar e da mesma forma dispersar quando não estamos em interação com esse dispositivo. No intuito de investigar os efeitos que são produzidos na subjetividade, esse incômodo, portanto, nos serve como pista para analisar as mudanças provocadas na subjetividade por meio dessa interação.

 Outras modificações também podem ser pensadas a partir da interação com a internet, por exemplo, a facilidade e a velocidade propiciada pela internet aos seus usuários e, neste caso, os nossos pesquisados. A grande questão é como isso funciona em cada conexão, que efeitos esse excesso de informação produz em cada subjetividade que se conecta nesses fluxos, pois é fato que eles provocaram mudanças. Alguns entrevistados ressaltaram esse aspecto em suas entrevistas é observam que para as gerações mais jovens territorializada por sua vez como Geração Z, os efeitos estão mais acentuados. Para eles existe uma facilidade em obter informações com “o advento da tecnologia”, através dos *smartphones*, da internet e do *Google.* Um relata que muita coisa que aprendeu foi pesquisando na internet, assim, segundo o jovem, o conhecimento não depende mais da experiência de alguém para ser transmitido, o dispositivo da internet tomou esse lugar do humano, e agora a conexão para transmissão do conhecimento está à disposição de um *click.*

 Fonseca, Neves e Kirst (2008, p. 508) enfatiza “[...]a potência das máquinas na produção de nossos modos de subjetivação e de inteligência” e a introdução maciça de novas tecnologias impactarem diretamente o processo de trabalho. Observe a fala de Lucas (nome fictício):

Máquinas, equipamentos e..e..e.. eletrônicos... acho que tudo, tudo, entendeu? Tudo, por exemplo, desde ... desde, sei lá, de uma tecnologia num carro a uma televisão LCD, entendeu? Acho que... sei lá, acho que cinco anos atrás ninguém tinha uma televisão de tela plana, era raro você ter uma televisão de tela plana.[...] Olha onde a gente tá, em LED, entendeu, eu acho que sei lá, quando eu entrei aqui eu conheci tanta coisa nova, tanta gente nova, gente de todo lugar, entendeu, e, sei lá, é, abriu o meu campo de visão assim, foi muito isso, eu acho que isso que acontece, internet [...](Lucas)[[5]](#footnote-5).

 A partir da fala desse entrevistado, dialogamos com Fonseca, Neves e Kirst (2008) os quais chamam atenção para o mundo da tecnicidade, que se revela “expressão concreta dos movimentos do pensamento humano, engenhoso e criador” (p. 508),. Por essa reflexão, somos levados a lembrar que por trás de qualquer invenção-máquina, ou de qualquer outra invenção, está o humano. Toda lógica de funcionamento de uma máquina foi pensada por um humano, e essa mesma máquina inumana se desconectada de seu criador inicial busca se conectar com outros humanos. Essa segunda interação retoma a primeira em desdobramentos do dentro-fora-dentro. Mesmo que, por pano de fundo, tenhamos a máquina de produção capitalística, ainda sim esses agenciamentos têm potência criativa e de imanência.

 Contudo se por um lado a internet e novas formas de tecnologia contribuem para o enriquecimento da subjetividade, por outro Azevedo e Bolomé (2015) esclarecem que outros estudiosos ressaltam a utilização da internet como dispositivo de controle:

Autores como Rheingold (1996) e Senra (1993) apontam a nova rede de telecomunicações mundial como uma nova espécie de pa­nóptico que exerce uma vigilância mais pontual, iluminan­do apenas zonas de interesses em detrimento de outras que ficam na sombra – diferente do panóptico de Bentham cuja visibilidade era total. De acordo com Senra (1993) trata-se de uma iluminação intermitente que não se dirige mais ao espaço, mas a um alvo a ser operado dentro de um plano específico. (p.209)

 Fonseca, Neves e Kirst (2008) lembra da necessidade que o capitalismo tem de se alimentar das criatividade e de toda forma de inteligência que as faculdades da alma podem produzir. O trabalho com a internet e os produtos que esse pode produzir, são produtos da inteligência humana em última instância:

Nesse novo contexto, o que as organizações buscam no trabalhador não é mais a força, conforme ressaltava o conceito de “força de trabalho”, nem o controle do corpo obediente (o corpo dócil e disciplinado, examinado por Foucault); mas a “alma” – as produções do espírito, como o conhecimento, a criatividade, a inteligência, o engajamento subjetivo, a responsabilidade -, conforme observam Negri e Hardt (2001, p.11) a respeito da transição do fordismo ao pós-fordismo: Não é mais um corpo que pode ser posto a trabalhar, não é mais uma alma que pode vivier independentemente de valores e paixões. Desta vez é a alma que é posta a trabalhar, e o corpo, a máquina são o seu suporte”. (Fonseca, Neves e Kirst, 2008, p. 505).

 Visto que foi necessário investir em subjetividades enriquecidas para sustentar o sistema capitalístico, as formas de controle da subjetividade ficaram mais sutis, travestidas de espaços estéticos coloridos, mais alegres e belos, porém, não raras às vezes, da mesma forma institucionalmente controladores. Entretanto a força pulsante dos corpos e o potencial de desterritorialização - as suas linhas de fuga que escapam o tempo todo e provocam processos de desterritorialização - uma vez que tudo é muito fluido, líquido, e, mesmo que reterritorializem, são linhas de velocidade que provocam mudanças constantes. Os processos de desterritorialização para essa geração são intensificados ainda pela velocidade que as mudanças acontecem:

A rápida mudança tecnológica dissolve a ordem tradicional do tempo. Os indivíduos tentam compensar essa perda aumentando a demanda de formação, refletida no conceito de ‘educação permanente’ [...] Na sociedade da alta velocidade o tempo mesmo se converte em objeto de aceleração. (Garcia citado por Silva 2013, p. 25).

 Para Teixeira e Barros (2009), o ponto que o trabalho atua como agenciamento na produção de subjetividade e nos processos de singularização. Considerando o ponto de vista das autoras, o trabalho pode ser um dispositivo dos processos de subjetivação pela apropriação não mecânica da atividade de trabalho, e, dependendo de como os dispositivos tecnológicos estão conectados, eles podem ser considerados como produtores de subjetivação. Esse acoplamento tecnológico irá depender da capacidade de invenção de si e de novas formas de existência, para ser considerado como agenciamento produtor de subjetivação, pois não será em todos os momentos que ele irá produzir modos de existência que afirmem a vida como potência criadora.

 Esse agenciamento, *Intermezzo,* que remete à dimensão molecular e invisível que se estabelece entre o homem e a máquina, e tudo o que circula e afeta nesta dimensão. No filme *Jobs* (2013), o personagem John Sniff diz para Steve Jobs que achava que ele (Steve Jobs) “[...] acreditava que o computador, ou o *walkman*, ou o que quer que fosse, deveria ser uma extensão natural do indivíduo.” Essa interação pode ser um exemplo de agenciamento, quando, em seu encontro homem e máquina, ela produz novas formas de singularização, neste caso não somente humano, e nem máquina, mas a fusão dos dois. Outro devir, devir homem/computador, humano/máquina. Esse agenciamento tecnológico se faz especialmente importante nesta pesquisa, pois é um dos principais dispositivos identificados nas entrevistas, que agencia com os jovens pesquisados, e que lhes atribuem caracteres tão diversos. São as “[...] alianças amigáveis, pelas quais o mundo e os homens se desdobram em novos possíveis.” (Fonseca, Neves e Kirst, 2008, p. 508)

 Contudo, há subjetividades serializadas que se territorializam em categorias profissionais, como os territórios dos profissionais de engenharia, de profissionais de TI, que, apesar de toda possibilidade de conexão com o plano de imanência, se restringem à atuação de sua área e aos estereótipos criados para reforçar essa identidade, é como dizer “engenheiro é bom com números e não com pessoas”, ou que alguém de humanas, como os psicólogos, “não são bons com números”. Ou se deixar modelar pela rigidez da programação que se faz para as máquinas e para os computadores. Se por um lado a internet pode oferecer linhas de fuga para a mente, por outro lado, quando a face maquínica domina, a subjetividade pode ser cristalizada.

 Falamos de singularidades quando esses jovens passam por processos de subjetivação, e, independente da área de atuação ou formação, estão em processos constantes e incessantes de produção subjetiva. Além disso, no encontro com os pontos de agenciamentos que mencionamos neste sentido, esses jovens vivem em o devir-máquina, devir-computador, devir-internet, devir-tecnológico, pois nesse caso o sujeito não é um nem o outro, não é máquina e nem humano, nosso “umano”.

**Considerações Finais**

Ao rastrear o plano de forças que perpassa a territorizalizada Geração Y em sua articulação com o mundo do trabalho, às singularidades desses jovens, observamos certos endurecimetnos como o do próprio termo e os adjetivos e caracteristicas vistos na teoria que refletem nos ambientes de trabalho que reforçam o termo midiaco.

 Sem a intenção generalizante, capturamos alguns pontos que poderiam ser de agenciamento para esses jovens e seguimos os processos de subjetiviação que esses produzem. Deparamos com a tecnologia, o conhecimento e a internet como os principais pontos de agenciamento, e esses são a dupla pinça – devir-máquina, devir-computador, devir-internet, devir-tecnológico – que produzem em seu *intermezzo* as mutações sempre singulares. Sobre as tecnologias e suas interações com o humano, capturamos alguma imanência humano-máquina, pois é uma interação que se retroalimenta e que reflete a capacidade inventiva da inteligência humana, já que toda essa criação máquina tem origem na criação humana.

 Vimos que esses pontos têm potencial rizomático e podem gerar *n* conexões, ou não, ou as linhas duras e estratos molares podem tornar ainda mais cristalizada a subjetividade-trabalhador dos jovens no trabalho. No entanto, não se trata meramente de questão de geração, os agenciamentos estão aí para quem tiver abertura para conectar-se a eles. Os efeitos e devires desses agenciamentos são inventivos, criativos e inteligentes, mas não deixam de ser fomentados pelas necessidades capitalísticas que de tempos em tempos se renovam.

 Buscamos registrar a imanência, as lacunas inventivas dos trabalhadores no trabalho, seja qual fosse sua singularidade, e tomamos o ‘[...] trabalho como possibilidade de expressão de uma subjetividade em sua diferença. (Barros, Louzada, Vasconcellos. 2008. p. 15).

 Tentamos manter a atenção para percorrer linhas flexíveis entre a psicologia organizacional, da psicologia do trabalho em relação aos jovens estudados. Alternando entre os territórios que habitam o termo, mas estando atento as linhas de fuga que arrastam esses territórios e abrem para os processos inventivos, alem das linhas duras dos adjetivos que pretendem capturar e cristalizar as subjetividades. Para com isso favorecer a compreensão de que os indivíduos não podem ser aprisionados na dureza que por vezes capturamos nos territórios habitados pelo termo. Pensamos nos possíveis pontos de agenciamentos com possibilidade de articulações de agenciamentos e devires que podem ou não serem produzidos na dimensão da subjetividade.

 Assim nem por um instante pretendemos fechar o assunto, mas pelo contrário nosso rastreamento tem modestamente a interseção de promover os processos de desterritorialização por onde a viagem cartográfica nos conduziu e conduzirá. Certamente, muito ainda tem a se discutir e problematizar sobre os temas contidos neste artigo, e, por isso, esperamos servir de inspiração para novos pesquisadores-cartógrafos-nômades.

**Bibliografia**

Achacr, R (1994). *Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação.* São Paulo: Casa do Psicólogo.

Azevedo, B. M. de; Bolomé, S. P. (2001). Psicólogo Organizacional: aplicador de técnicas e procedimentos ou agente de mudanças e de intervenção nos processos decisórios organizacionais*? Revista de Psicologia, Organizacional e do Trabalho*, 1(1), 181-186. Pepsic [on-line]. Recuperado a partir http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v1n1/v1n1a08.pdf

Azevedo, L. G. N. G.; Ferreri, M. de .A.; Chaga L. C.; Faria, W. de S.; Nascimento, G. B. Almeida, L. M.. (2015). Experimentação política da amizade em comunidades da internet a partir dos afetos de Espinosa. *Psicologia USP.* [on-line].26 (2). 208-220. Recuperado a partir http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-pusp-26-02-00208.pdf>

Barros, M. E. B.; Louzada, A. P.; Vasconcellos, D. (2008). Clínica da atividade em uma via deleuziana: por uma psicologia do trabalho. *Informática na Educação: teoria & prática,*.11(.1), 14-27. Recuperado a partir http://www.seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/viewFile/7130/4880

Bonifacio, T. M. de F. (2013). *Trabalho, Felicidade e sentido para Geração Y na modernidade líquida.* Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

Cassiano, M.; Furlan, R. (2013). O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise.*Psicologia e Sociedade*, [on-line]. 25 (2),372-378. Recuperado a partir http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0102-71822013000200014&lng=pt&nrm=iso

Carr, N. (2010.)*The Shallows – what the Internet is doing to our brains.* New York: W.W. Norton, [E-book.].

Conselho Federal de Psicologia*. Resolução n. 014/00, de 20 de dezembro de 2000.* Altera e regulamenta a Resolução CFP n. 014/00 que institui o título profissional de especialista em psicologia e o respectivo registro nos Conselhos Regionais. 2000. Recuperado a partir http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/01/resolucao2000\_14.pdf

Dayrell, J.(set./out./nov./dez. 2003) O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação***,** Rio de Janeiro, n. 24. Recuperado a partir http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf

Deleuze, G.; Parnet, C.. (1998). *Diálogos****.*** São Paulo: Escuta.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1995a). Introdução: rizoma. In: G. Deleuze & F. Guattari. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (v. 1, pp. 11-37)*.* Rio de Janeiro: Ed. 34.

Deleuze, G.; Guattari, F. (1997a). 10.1730 – Devir-Intenso, Devier-Animal, Devir-Imperceptível. In: Deleuze & F. Guattari. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (v. 4. pp.11-114).. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Escossia, L.; Kastrup, V.(2005). O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade. *Psicologia em estudo*, Maringá, v.10, n.2, 2005. Recuperado a partir http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1413-73722005000200017&lng=pt&nrm=iso

Fonseca, T. M. G. da; Barros, M. E. B. de.( abr. 2010.) Entre prescrições e singularizações: o trabalho em vias da criação. *Fractal, Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, Recuperado a partir http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1984- 2922010000100008&lng=pt&nrm=iso

Fonseca, T. M. G.; Neves, J. M.; Amador, F. S.; Kirst, P. G. (dez. 2008). Dos modos de existência das tecnologias: um trabalho sem fim. *Fractal, Revista de Psicologia***,** Rio de Janeiro, v. 20, n. 2. Recuperado a partir http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1984- 2922008000200015&lng=pt&nrm=iso

Guattari, F. (1992). *Caosmose***:** um novo paradigma estético. Rio de Janeiro. Ed. 34.

Guattari, F; Rolnik, S. (2000). *Micropolítica:* cartografias do desejo. 6. ed. Petrópolis: Vozes.

Hersey, P.; Blanchard, K. H. (1986). *Psicologia para administradores:*a teoria e as técnicas da liderança situacional. São Paulo: Pedagógica e Universitária.

Instituto Brasileiro de Geografia d Estatistica (2015)*Comissão Nacional de Classificação Econômica*.Classificação de Riscos de Segurança, conforme CNAE [S.l.]:.Recuperado a partir http://cnae.ibge.gov.br/?view=subclasse&tipo=cnae&versao=9.1.0&subclasse=2423701&chave=2423-7/01

*Jobs*. (2013). Direção: Joshua Michael Stern. Produção: Mark Hulme. Roteiro: Matt Whiteley. E.U.A: Dillywood / Five Star Institute / Silver Reel1 DVD (122min.), son., color.

Johansen, I. (30 out. 2013) *Porque os jovens profissionais da Geração Y estão infelizes.*. Recuperado a partir https://demografiaunicamp.wordpress.com/2013/10/30/porque-os-jovens-profissionais-da-geracao-y-estao-infelizes/

Lancaster, L. C.; Stillman, D. (2011). *O Y da questão:* como a Geração Y está transformando o mercado de trabalho. São Paulo: Saraiva.

Leão, L. H. da C.(2012) Psicologia do Trabalho: aspectos históricos, abordagens e desafios atuais. *Estudos Contemporâneos da Subjetividade.* Rio de Janeiro, v. 2, n. 2. Recuperado a partir http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/1008/722

Lombardia, P. G.; Stein, G.; Romón, J. (set. 2008). Quem é a Geração Y. *HSM Management*, São Paulo, v.5, n.70 , p.52-60.

Oliveira, S. (2010). *Geração Y*: o nascimento de uma nova versão de lideres. São Paulo: Integrare.

Oliveira, S. (2011). *Geração Y*: ser potencial ou ser talento? Faça por merecer. São Paulo: Integrare.

Parpinelli, R. S.; Souza, E. W. F. de. (set./dez. 2005). Pensando os fenômenos psicológicos: um ensaio esquizoanalítico. *Psicologia em Estudo,* Maringá, v. 10, n. 3, p. 479-487,

Passos, E.; Kastrup, V.; Escóssia, L. da (Org.). (2009). *Pistas do método da cartografia:* pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**.** Porto Alegre: Sulina.

Romagnoli, R. C. (ago. 2009) A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia e Sociedade*, Florianópolis, v. 21, n. 2. Recuperado a partir http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0102-71822009000200003&lng=pt&nrm=iso

Silva, D. M. Irff. (2012). *A visão da Geração Y em relação ao sua qualidade de vida no trabalho***.** 123f. Dissertação de mestrado, Programa de Mestrado Profissional em Administração, Fundação Cultural Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo. Recuperado a partir http://www.fpl.edu.br/2013/media/pdfs/mestrado/dissertacoes\_2012/dissertacao\_davson\_mansur\_irff\_silva\_2012.pdf

Silva, A. L. da (2013**).** *Tecnoutopias: as imbricações Homem/ máquina na cibercultura.*118f. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista. Recuperado a partir https://www.unip.br/ensino/pos\_graduacao/strictosensu/comunicacao/download/comunic\_andersonluisdasilva.pdf

Teixeira, D. V.; Barros, M. E. B. de.( abr. 2009) Clínica da atividade e cartografia: construindo metodologias de análise do trabalho. *Psicologia e Sociedade,* Florianópolis, v. 21, n. 1. Recuperado a partir http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0102- 1822009000100010&lng=pt&nrm=iso

1. O taylorismo refere-se a um modelo de gerenciamento, criado por Taylor (1856-1915) que enfatiza a ideia de racionalização do trabalho sustentada pelo processo de divisão do trabalho. O trabalhador fazia parte de um processo que era medido, cronometrado e sistematizado de forma ser controlado em seu percurso laboral. Separação entre planejamento e execução. Objetivo de garantir mais produtividade e rentabilidade para o empregador. [↑](#footnote-ref-1)
2. O Termo *mass media* refere-se aos meios de comunicação de massa, e, é muito usado por Guattari, no livro “Caosmose”. [↑](#footnote-ref-2)
3. Bonifacio (2013) não menciona a Geração Z, nascidos após o ano 2000, seguindo a sequência cronológica. [↑](#footnote-ref-3)
4. Dados da entrevista. Pesquisa de campo. 2015. [↑](#footnote-ref-4)
5. Dados da entrevista. Pesquisa de campo. 2015. [↑](#footnote-ref-5)